

Coordenações assimétricas no português antigo¹

Giampaolo Salvi

salvi.giampaolo@btk.elte.hu

Universidade Eötvös Loránd, Budapeste (Hungria)

ABSTRACT.

This paper takes into account some asymmetries found in Medieval Portuguese coordinate structures containing infinitival clauses. These are cases of coordination of a non-inflected infinitive with an inflected one and cases of apparent extraction of an element from the first clause of a coordinate structure. Both asymmetries can be eliminated if we assume that the coordination takes place at a higher structural level than that of the infinitival clauses; however, this solution entails that we have to postulate a gap in the second conjunct with the ellipsis of some elements (and/or the presence of some abstract elements) recoverable on the basis of elements expressed in the first conjunct. We show that only this more abstract hypothesis can explain in a direct manner the data examined in this work.

KEYWORDS.

Coordination; ellipsis; inflected infinitive; clitic climbing.

RESUMO.

Este artigo toma em consideração algumas assimetrias que encontramos em estruturas coordenadas que contêm subordinadas infinitivas no português antigo. Trata-se em particular de casos em que um infinitivo não flexionado é coordenado com um infinitivo flexionado e de casos em que aparentemente temos a extração de um elemento do primeiro membro de uma estrutura coordenada. Ambas as assimetrias podem ser eliminadas assumindo que a coordenação se refere a secções mais amplas da estrutura do que as minimamente necessárias; o custo desta hipótese é que no segundo membro desta estrutura mais ampla devem aparecer um ou mais elementos abstratos identificáveis com elementos expressos no primeiro membro. Esta hipótese mais abstrata, no entanto, explica de forma mais simples os dados estudados neste trabalho.

¹ O material deste artigo foi apresentado em 2017 num colóquio comemorativo dedicado aos 40 anos de ensino do português na Universidade Eötvös Loránd de Budapeste, onde esteve também presente Ana Maria Brito, que conhece portanto o conteúdo essencial deste estudo. Esta versão escrita é, contudo, um pouco mais ampla e trata também alguns exemplos problemáticos que na ocasião do colóquio foram colocados de lado. A coordenação de um infinitivo não flexionado com um infinitivo flexionado já tinha sido tratada brevemente em Salvi (2008) e os casos de extração, com base em exemplos do italiano antigo, em Salvi (2005).

Agradeço a Ildikó Szijj e a Gabriela Tavares a ajuda que me deram na tradução deste artigo, e a um leitor anónimo as suas observações.

PALAVRAS-CHAVE.

Coordenação; elipse; infinitivo flexionado; subida dos clíticos.

1. Os problemas

Num artigo dedicado à origem do infinitivo flexionado, Ana Maria Martins cita o seguinte exemplo, em que aparece uma coordenação de duas frases infinitivas² que podemos definir como assimétrica porque, enquanto o primeiro infinitivo é não flexionado (*auer*), o segundo, no entanto, é-o (*dare(m)*; cfr. Martins 2004: n. 35):

- (1) estes meus cabeças e eréés possam *auer* todo o meu asi mobil commo rrayx
e *dareno* ali u elles teuerem por bem

Outros exemplos semelhantes aparecem citados por Maurer (1968: 38-39):

- (2) a. *deuemnos reteer* em seus corações, e *pensarem* que...
b. *Deuemos dandar* no sseu caminho e nunca nos *departirmos* do sseu ensinamento
c. Se *deuem* os monges *dauer* ou *teerem* algua coisa...

O exemplo (2a) apresenta ainda uma outra aparente anomalia, porque o clítico *nos* (= *os*) ligado ao verbo principal *deuem* refere-se só ao primeiro dos dois infinitivos: de facto é objeto direto de *reteer*, mas não tem nenhuma relação sintática com o segundo infinitivo (*pensarem*). Numa perspetiva transformacional, podemos imaginar que a estrutura subjacente da frase é a representada em (3a), da qual (2a)/(3b) seria derivada fazendo subir o clítico da subordinada para a frase principal (v indica o vestígio deixado pelo elemento deslocado):

² Para simplificar a exposição, consideraremos todos os casos da sequência *verbo* + *infinitivo* como casos de subordinação, quer dizer da construção *verbo* + *frase infinitiva*. Como notado por um dos leitores anónimos, na maioria dos exemplos é possível uma análise alternativa em que o verbo principal é na realidade um auxiliar, quer dizer: *auxiliar* + *infinitivo*, sem subordinação. Mas como podemos analisar a relação *auxiliar-verbo* como paralela, do ponto de vista estrutural, a uma relação de subordinação (com o auxiliar como regente do infinitivo), esta simplificação não deveria comprometer os resultados da análise.

- (3) a. *deuem* [*reteê-los em seus corações*], e [*pensarem que...*]
b. *deuemnos* [*reteer v em seus corações*], e [*pensarem que...*]

Esta derivação, no entanto, não deveria ser permitida tendo em conta a restrição sobre a extração das estruturas coordenadas de Ross (1986, 4.84): «In a coordinate structure, no conjunct may be moved, nor may any element contained in a conjunct be moved out of that conjunct». O clítico encontra-se de facto no primeiro membro da estrutura coordenada [*reteê-los em seus corações*] e [*pensarem que...*], e por isso não deveria poder ser extraído.

Neste texto propomos contribuir com uma solução intuitivamente simples, capaz de explicar as duas anomalias encontradas no exemplo (2a): a assimetria na flexão dos infinitivos coordenados e a aparente extração de uma estrutura coordenada.

2. Proposta de solução

Vamos começar com a aparente extração de um clítico de uma estrutura coordenada, que é uma construção muito frequente. Em (4) temos alguns exemplos ulteriores:³

- (4) a. *ao menos deuesse confesar* hũa vez no ano e *tomar* ho corpo de Deus por pascoa (Clemente Sánchez de Vercial, *Sacramental* 3.42)
b. *Assi se deve acusar* cada hũu pecador, e *dizer* (*Castelo Perigoso* 1.16)
c. *homem se deve confessar* em temor e humildade e *esparger* todo seu coraçom ante Deus e seu confessor (*Castelo Perigoso* 1.16)
d. *deve-se* homem *armar* ante do campo (...) e *hordenar* seu coraçom em paciência (*Castelo Perigoso* 2.34)
e. *deve-sse tornar* a Deus humilldosamente e *dizer* devotamente (*Castelo Perigoso* 2.63)

³ Os exemplos foram recolhidos do *Corpus informatizado do português medieval* (<https://cipm.fcsh.unl.pt/>), exceto (7c) e (28e) (de Martins 2004: 4.1). Os símbolos A, B e V remetem aos cancioneiros da lírica trovadoresca, CSM às *Cantigas de Santa Maria*.

Uma possível solução que evita a violação da restrição sobre as estruturas coordenadas é atribuir à frase (2a), em lugar da estrutura (3a), a estrutura (5a), em que em vez de um verbo principal que rege a coordenação de duas frases no infinitivo, temos coordenação de duas frases, na segunda das quais o verbo principal fica não expresso; nesta estrutura a subida do clítico (5b) acontece no interior do primeiro membro da coordenação e não viola a restrição de Ross:

- (5) a. [deuem reteê-los em seus corações], e [V pensarem que...]
 b. [deuemnos reteer em seus corações], e [V pensarem que...]

A solução (5a) é com certeza mais complexa do que a solução (3a), porque é mais abstrata: prevê de facto um elemento não expresso, mas semanticamente presente (o significado é 'devem retê-los em seus corações e *devem* pensar que...'). Esta hipótese é contudo apoiada pelo facto de uma elipse similar do verbo finito ser em qualquer caso necessária na gramática do português antigo, como se mostra no exemplo (6a), onde temos a coordenação de duas frases completas com dois sujeitos diferentes (a primeira com sujeito impessoal, a segunda com sujeito nominal), e aqui também o verbo finito da segunda frase fica não expresso porque lexicalmente é igual ao da primeira frase (6b):

- (6) a. começou de chover / e *alampos con torvões des i coriscos caer*
 (CSM 311)
 b. [*começou* de chover] e [*alampos con torvões des i coriscos V caer*]

A postulação da estrutura (5a), com elipse do verbo finito no segundo membro da coordenação, permite-nos, portanto, evitar uma violação da restrição sobre as estruturas coordenadas. Mas vamos alargar um pouco o âmbito dos nossos exemplos. Em (7)–(8) vemos coordenações em que aparecem infinitivos que regem clíticos diferentes, com uma nova assimetria: enquanto no primeiro membro da coordenação o clítico sobe e fica ligado ao verbo principal (ou, em (8a), ao complementador *se*), no segundo membro o clítico fica ligado ao infinitivo, normalmente em posição enclítica (7), mas em posição proclítica se o infinitivo é precedido da negação (8):

- (7) a. deuêsse *teer* por auôdados dos bêês que lhys fezerê enos moesteyros
e *seruilos* lealmête (Afonso X, *Primeyra partida* 10.21)
b. muito o deveríamos *agradecer* a Nosso Senhor e *orá-lo* por em (*Demanda
do Santo Graal* 472)
c. E nos posades *tomar* o dicto CasaL E *dalo* A quem por bem teuerdes
- (8) a. se *m'* algum tempo quisera *leixar* / ela *servir*, e non-*na* *ir matar* (B608,
V210)
b. devesa *apertar* na mão, e nom *lhe leixar* *descayr* a ponta (*Livro da
Ensinança de Bem Cavalgar Toda Sela* 3-5.5)

Podemos pensar que a estrutura, antes da subida do clítico, é (9a) (para o ex. (7b)); no primeiro membro o clítico sobe regularmente, como era normal nas línguas românicas antigas, mas no segundo membro, à falta de um verbo principal foneticamente realizado, o clítico fica ligado ao infinitivo (9b), daí a assimetria (nos exemplos (8) a subida do clítico podia ter sido também impedida por causa da presença da negação):

- (9) a. [muito *deveríamos agradecerê-lo* a Nosso Senhor] e [V *orá-lo* por em]
b. [muito o *deveríamos agradecer* a Nosso Senhor] e [V *orá-lo* por em]

Antes de continuar o nosso raciocínio, vamos observar que uma estrutura como (3a), em que um verbo principal rege uma coordenação de frases no infinitivo, devia ser possível no português antigo. Esta é, de facto, a estrutura que podemos atribuir às frases em (10), onde o clítico ligado ao verbo principal se refere a ambos os infinitivos coordenados. A estrutura subjacente de (10d) seria portanto (11a), da qual podemos derivar (11b) com uma aplicação *across-the-board* da subida do clítico (mas esta análise será problematizada na secção 3):

- (10) a. a quen Deus tanto ben deu / *devia-ss'* a *nenbrar* do seu / home coytdo
e a *doer* / de tan coytdo, mha senhor, / com' oj' eu vivo (A 42, B 154)
b. *Acorrer nos* pode e de mal *guardar* / a Madre de Deus (CSM 86)
c. *começou-ss'* a *repentir* / de seus pecados e *sentir* (CSM 239)
d. aquelles que a deuiam *defender* e *mostrar* per exemplo (*Orto do Esposo*
4.46)

- (11) a. deuiam [defendê-la] e [mostrá-la per exemplo]
b. a deuiam [defender v] e [mostrar v per exemplo]

Mas também no caso de dois infinitivos coordenados que regem o mesmo clítico, os falantes podiam escolher a outra solução, a coordenação de duas frases principais com elipse do verbo principal, como se mostra nos exemplos em (12); a estrutura subjacente de (12c) é representada em (13a), donde podemos derivar (13b) com a subida do clítico no primeiro membro da coordenação, como em (9):

- (12) a. vós ben vos deviades *nembrar* / en qual coita vos eu ja por mi vi, / fals', e *nembrar* vos qual vos fui eu i (B 1170, V 776)
b. Entom o fez *levar* a ùa câmara e *espi-lo* (*Demanda do Santo Graal* 548)
c. sse for caualeiro deuesse *deçer* a pee e *apartarse* daquele lugar (Clemente Sánchez de Vercial, *Sacramental* 2.183)
d. por isto a deve homem *teer* em deciplina e *metê-lla* so seus pees (*Castelo Perigoso* 2.26)
e. deve-sse homem entom a *guardar* de todas terreaes ocupaçoes (...) e *ocupar-sse* em oraçom e em servir Deus (*Castelo Perigoso* 2.61)
- (13) a. [*deue* deçer-se a pee] e [V *apartar-se* daquele lugar]
b. [*deuesse* deçer a pee] e [V *apartarse* daquele lugar]

Ora, a derivação resumida em (9) fornece-nos também a solução para o problema apresentado nos exemplos (1)-(2), nomeadamente, a flexão assimétrica dos infinitivos coordenados. Se supomos que a flexão pessoal do verbo se comporta de alguma forma como os clíticos, e é, portanto, na estrutura subjacente, um elemento sintaticamente independente, como em (14a) para o exemplo (1), a estrutura superficial obtém-se ligando a flexão ao verbo mais proeminente: ao verbo principal no primeiro membro da coordenação e, à falta de um verbo principal foneticamente realizado, ao infinitivo do segundo membro (14b):

- (14) a. [*possa* 3pl auer...] e [V 3pl dar...]
b. [*possam* auer...] e [V *darem*...]

A distribuição da flexão pessoal nestas estruturas coordenadas é exatamente a mesma que a distribuição dos clíticos em (12).

3. Algumas dificuldades

A hipótese formulada na secção precedente encontra várias dificuldades que serão discutidas brevemente nesta parte.

Se o mecanismo da colocação dos clíticos e da flexão pessoal é o mesmo, esperaríamos que numa mesma frase, se há assimetria na posição dos clíticos, houvesse também assimetria na da flexão. Mas não é assim: nos exemplos (7) e (12a) os clíticos aparecem colocados de forma assimétrica, mas não há assimetria na flexão dos infinitivos: ambos são não flexionados. Se os dois fenómenos fossem paralelos, esperaríamos (7b'), em lugar de (7b), com a estrutura subjacente (7b''):

- (7) b'. muito o deveríamos agradecer a Nosso Senhor e *orarmo-lo* por em
b''. [muito *deveria* 1pl. *agradecê-lo* a Nosso Senhor] e [V(*cond.*) 1pl. *orá-lo* por em]

(em (6) também, se a flexão fosse um elemento independente da estrutura, esperaríamos no segundo membro: *alampos con torvões des i coriscos caerem*). Podemos pensar que nos exemplos deste tipo a elipse não se refere só à forma lexical do verbo principal, mas também à flexão pessoal, que, como morfema ligado, tem menos independência do que os clíticos – e esta parece ser de facto a solução preferida. Observe-se também que a flexão pessoal não deve ser necessariamente igual à do primeiro membro, como se vê em (6) (3sg/3pl).⁴

Vejamos agora a interação destas estruturas com a negação. Um exemplo como (15) requer a coordenação de duas frases porque a negação só tem escopo sobre o primeiro infinitivo – a estrutura será portanto (16):

⁴ A preposição que precede o infinitivo também não é normalmente repetida antes do segundo infinitivo, como se vê em (2b-c), (6), (10a), (12e), e, mais abaixo, (15), (28e) e (30) (mas também é possível a repetição (10a)).

(15) *nom* deve de dormir, *mes* estar sempre so guarda (*Castelo Perigoso* 2.57)

(16) [*nom* deve de dormir], *mes* [V estar sempre so guarda]

Em (17) a posição dos clíticos e o escopo da negação requerem o mesmo tipo de estrutura (cfr. acima (7) e (9) para os clíticos):

(17) *nom se* deve guardar com a llança de sso o braço, *mais tómall* em amballas mãos (*Livro da Ensinança de Bem Cavalgar Toda Sela* 3-5.11)

Mas em (18) este paralelismo rompe-se: a negação, que tem escopo só sobre o primeiro infinitivo, aqui requer a coordenação de duas frases, como em (15) e em (17), mas o clítico é complemento dos dois infinitivos, portanto a estrutura requerida deveria ser do tipo (11b), com coordenação das duas frases infinitivas:

(18) por que *o nom* deve *aficar* em correr nem voltar, *mas* a gallope trazer (*Livro da Ensinança de Bem Cavalgar Toda Sela* 3-5.14)

Se nos baseamos na posição do clítico, deveríamos atribuir à frase a estrutura (19a) – mas como explicar então que a negação não se estenda ao segundo membro da coordenação? Se, pelo contrário, nos baseamos na negação, a estrutura deveria ser (19b) – isto é, devemos admitir que além do verbo, também um clítico pode estar sujeito à elipse:

(19) a. *o nom* deve [aficar em correr nem voltar], *mas* [a gallope trazer]

b. [*o nom* deve aficar em correr nem voltar], *mas* [V-*pro* a gallope trazer]

Esta última solução é paralela à adotada no caso anterior, e por isso preferível – como no caso anterior, a elipse do verbo pode comportar também a elipse de um elemento estreitamente ligado ao verbo: não só a flexão pessoal, como em (7), mas também um clítico, como em (18). O fenómeno aparece também noutras línguas românicas antigas, como mostra o seguinte exemplo francês tomado de Tobler (1902: 112):

- (20) a. *corone d'or li fait porter / et comme s'oissor honorer* 'faz-lhe usar coroa de ouro e (fá-la) honrar como sua esposa'
b. [*corone d'or li fait porter*] et [*comme s'oissor pro + V honorer*]

Observe-se que, como no caso da flexão pessoal acima visto, o clítico exposto à elipse também não deve ter todos os traços iguais aos do seu antecedente: o antecedente *li* é dativo, enquanto o clítico não expresso deveria ser acusativo (*la*).

A análise que propusemos para os exemplos com o primeiro membro da coordenação negado, é confirmada por casos em que os dois membros aparecem negados. Em teoria um exemplo como (21) poderia ter a estrutura (22a) ou (22b),⁵ mas (23), por causa da posição dos clíticos, deverá ter uma estrutura similar a (22b):

- (21) *delle [= do cabedal] nom deve leixar nem despender*, salvo com *sperança d'aver moor gaança (Leal Conselheiro 11)*
(22) a. *nom deve [leixar nem despender]*
b. [*nom deve leixar*] [*nem V despender*]
(23) *Seu dono nom lhi quis dar / cevada, nen'ó ferrar (B 1487, V 1098)*

Também neste caso temos exemplos paralelos a (18): nos exemplos (24) o clítico ligado ao verbo principal refere-se aos dois infinitivos, por isso, como em (18), para (24a) podemos pensar numa estrutura como (25a), baseando-nos na posição do clítico, ou como (25b), paralela a (19b):

- (24) a. *nō lhe querendo conhecer senhorio nem dar* o trebuto que lhe soya de dar (*Crónica Geral de Espanha de 1344 466*)
b. *tal promissom come esta nōna pode o papa nē outrē nē hūū mudar nē cābhar (Afonso X, Primeyra partida 11.4)*
(25) a. *nō lhe querendo [conhecer senhorio] [nem dar o trebuto]*
b. [*nō lhe querendo conhecer senhorio*] [*nem pro-V dar o trebuto*]

⁵ Não podemos entrar aqui nos problemas relacionados com o tratamento da negação, em particular de *nem*; observaremos só que (22b) não apresenta dificuldades particulares, porque *nem* está no mesmo nível estrutural que *nom*: [*nom deve leixar*] [*nem (= e nom) (deve) despender*], enquanto (22a) requer um tratamento especial, porque o primeiro membro da coordenação é negado só indiretamente: *nom deve [leixar] [nem despender]* (aqui não podemos substituir simplesmente *nem* por *e nom*). Este facto poderia ser um argumento para preferir a estrutura (22b) a (22a).

Mas (25a) não parece ser uma boa opção para a estrutura dos exemplos (24): esta estrutura prevê, de facto, a extração de uma subordinada negada (o segundo membro da coordenação), uma possibilidade que, com base nos exemplos do português moderno de (26), parece pouco provável ou até excluível:

(26) Como pode não o fazer? / Como pode não fazê-lo? vs ??Como o pode não fazer?

Temos, assim, que escolher a solução (25b), paralela a (19b), que desta forma fica reforçada.

Neste ponto podemos perguntar-nos se a estrutura proposta para os exemplos (10), com aparente subida do clítico *across-the board*, é realmente necessária ou se, pelo contrário, em lugar da estrutura (11), não devemos supor também para aqueles exemplos uma estrutura com duas frases coordenadas e elipse do clítico, como em (27):

(27) [a *deuiam* defender] e [cl-V mostrar per exemplo]

E o problema apresenta-se em todos os casos em que não temos suficientes elementos para decidir entre as duas análises, por exemplo na ausência de clíticos, ou com clíticos só no segundo infinitivo, como nos exemplos (28)-(29),⁶ ou com clíticos nos dois infinitivos, como em (30). Nestes casos podemos hesitar entre as análises (31a) e (31b) (para o ex. (28d)):

- (28) a. devia hũ delles *tornar* ao comde, & *dezer-lhe* como os dous fycavã sobre as vacas (*Crónica do Conde D. Pedro de Meneses* 2.15)
 b. em tall caso hũu deve *prasmr* o outro e *amoestã-llo* escondidamente que sse emmende (*Castelo Perigoso* 1.13)
 c. Homem deve assi *criar* seu corpo que possa servir e assi o *deciplinar*, que queira obedecer (*Castelo Perigoso* 2.26)

⁶ Em relação a exemplos como (29) cfr. no entanto a nota anterior.

- d. deve todos seus nembros *manteer* em justiça e dereitura e *hordená-llos* aa fim por que sam feitos (*Castelo Perigoso* 2.54)
- e. E nos deuemos de *põer* A meyatade da semête e *daruos* may's hũu sesteyro de pam meyado
- (29) *non* pode falar migo / *nen* veer *m'* (B 555, V 158)
- (30) começou de *lhe beygar* os sseus mui santos pees e *rregar-lhos* cõ muitas lagrimas (*Vida de Santa Maria Egipcíaca* 65r)
- (31) a. deve [todos seus nembros *manteer* em justiça e dereitura] e [hordená-llos aa fim por que sam feitos]
- b. [deve todos seus nembros *manteer* em justiça e dereitura] e [V-os hordenar aa fim por que sam feitos]

Como a solução (31b) é de qualquer maneira necessária para explicar exemplos paralelos como (1) e (2b), pela navalha de Ockham, a estrutura (11)/(31a), ainda que mais simples, poderia ser realmente supérflua. Mas para decidir esta questão seria necessário tomar em consideração um maior número de estruturas coordenadas do português antigo.

4. Conclusão

Nesta breve contribuição procuramos resolver alguns problemas relativos às estruturas coordenadas do português antigo que contêm subordinadas infinitivas: a aparente extração de um dos membros coordenados e a aparente coordenação de um infinitivo não flexionado com um infinitivo flexionado. Os problemas desaparecem se se postula que a coordenação se refere a estruturas mais amplas do que as minimamente necessárias, que contêm elementos não expressos. O elemento não expresso é sempre o verbo lexical principal, mas a elipse pode referir-se também a elementos gramaticais estreitamente ligados ao verbo como a flexão pessoal e os clíticos (além da preposição que introduz o infinitivo) – fica por estudar, com uma recolha mais ampla de dados, quais são os limites exatos destas elipses acessórias.

REFERÊNCIAS

- Martins, A. M. 2004. Ambiguidade estrutural e mudança linguística: A emergência do infinitivo flexionado nas orações complemento de verbos causativos e perceptivos. In: A. M. Brito, O. Figueiredo e C. Barros (Org.). *Linguística Histórica e História da Língua Portuguesa. Actas do Encontro de Homenagem a Maria Helena Paiva*. Porto: Secção de Linguística do Departamento de Estudos Portugueses e de Estudos Românicos da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 197-225.
- Maurer, Th. H. Jr. 1968. *O Infinitivo Flexionado Português (estudo histórico-descritivo)*. São Paulo: Companhia Editora Nacional/Editôra da Universidade de São Paulo.
- Ross, J. R. 1986. *Infinite Syntax!* Norwood, New Jersey: ALEX.
- Salvi, G. 2005. Coordinazioni asimmetriche nelle lingue romanze antiche. In: S. Kiss, L. Mondin e G. Salvi (Org.). *Latin et langues romanes. Études de linguistique offertes à József Herman à l'occasion de son 80^{ème} anniversaire*. Tübingen: Niemeyer, 453-462.
- Salvi, G. 2008. Coordinazioni asimmetriche nelle lingue romanze antiche (terza parte). In: E. Stark, R. Schmidt-Riese e E. Stoll (Org.). *Romanische Syntax im Wandel*. Tübingen: Narr, 273-283.
- Tobler, A. 1902. *Vermischte Beiträge zur französischen Grammatik*. Erste Reihe. Zweite vermehrte Auflage. Leipzig: Hirzel (reprint: Amsterdam: RODOPI, 1971).